



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DESIGN
BACHARELADO EM DESIGN

ECHO HAIRA SERRA AZEVEDO

**CORPO FLUIDO:
processos artísticos enquanto
autoafirmação trans**

**RECIFE
2024**

ECHO HAIRA SERRA AZEVEDO

CORPO FLUIDO: processos artísticos enquanto autoafirmação trans.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Design da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Design.

Orientadora: Oriana Maria Duarte de Araújo

RECIFE
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Azevedo, Echo Haira Serra .

CORPO FLUIDO: processos artísticos enquanto autoafirmação trans / Echo
Haira Serra Azevedo. - Recife, 2024.
53 : il.

Orientador(a): Oriana Maria Duarte de Araujo
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2024.
exposição de pinturas e videoperformances.

1. Identidade de gênero. 2. Transgeneridade. 3. Não binaridade. 4. Estudos
do sensível. 5. Processos artísticos. I. Araujo, Oriana Maria Duarte de .
(Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

ECHO HAIRA SERRA AZEVEDO

CORPO FLUIDO: processos artísticos enquanto autoafirmação trans.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Design da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Design.

Aprovado em: 25/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Oriana Maria Duarte de Araujo (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Ma. Ana Emilia Gonçalves de Castro (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Marcondes Gomes Lima (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Primeiro eu gostaria de expressar minha sincera gratidão à minha orientadora, Profa. Dra. Oriana Duarte, pelo incentivo e apoio que foram muito valiosos durante minha jornada no curso de Design. Seu auxílio foi fundamental para o desenvolvimento, não só deste trabalho, como de minha formação. Obrigada por me ajudar a encontrar meu lugar nesse mundo acadêmico..

Agradeço também à Prof. M. Ana Emília Gonçalves, pelos ensinamentos, sugestões e pelo interesse demonstrado em meu projeto, meus mais sinceros agradecimentos por ter me apoiado e me ensinado a observar o mundo através deste olhar acadêmico que se volta para as pessoas e comunidades em nosso entorno. Agradeço a todos os professores do curso de Design da UFPE, que sempre se mostraram solícitos, tornando a experiência da graduação muito mais fácil e enriquecedora.

Meus sinceros agradecimentos a José Marcos e Yasmin Enes, que me auxiliaram muito em toda a produção deste projeto, sempre ao meu lado e dispostos a me ajudar, contribuindo significativamente para a qualidade do meu trabalho. Vocês foram incríveis.

Agradeço profundamente pelo apoio incondicional de meus pais e irmãos, que estiveram ao meu lado durante essa jornada acadêmica, que sei que foi longa e cansativa para todos e não apenas a mim.

Um agradecimento especial à minha filha, Jamilie Harina, pela paciência comigo e principalmente por me ajudar em muitos trabalhos ao longo do curso, especialmente no intitulado "Hiraeth", que foi meu primeiro passo para o início deste projeto.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Pernambuco pelos suportes e recursos disponibilizados, que foram essenciais para a realização deste TCC.

A todos que me acompanharam nesta jornada, minha mais sincera gratidão.

RESUMO

O trabalho *"Corpo Fluido: Processos Artísticos Enquanto Autoafirmação Trans"* aborda a vivência pessoal de Echo Haira Serra Azevedo, estudante de Design da UFPE, como pessoa trans não-binária, através da arte. Ele explora questões de identidade de gênero, especificamente a transgeneridade e suas múltiplas formas de expressão, utilizando-se de linguagens artísticas como a performance, a pintura e a poesia para investigar e comunicar sua jornada de autoconhecimento e afirmação.

O projeto é apresentado como uma exposição artística com três performances principais: *"Eu sou Cinza"*, *"Me Encontrei no Espelho"* e *"Echo"*, cada uma retratando diferentes etapas do processo de auto aceitação e identidade. Através dessas performances, o autor expressa sua luta interna para se reconhecer e se afirmar como trans não-binário, abordando temas como a busca por uma identidade de gênero própria, a transformação física e o impacto social de sua transição.

Inspirado em artistas como Lorenza Böttner, Fefa Lins e AuroAura, o trabalho também dialoga com a teoria queer e autores como Judith Butler e Paul B. Preciado, que questionam as normas binárias de gênero e propõem uma visão mais fluida e plural sobre a identidade. A conclusão do projeto destaca a importância da arte como ferramenta para a autoafirmação e a desconstrução de padrões cis-heteronormativos, além de propor uma oficina que incentive outras pessoas a explorar sua subjetividade através da criação artística.

Palavras-chave: Identidade de gênero, transgênero, não binário, estudo do sensível, performance, pintura, exposição.

ABSTRACT

The thesis "Fluid Body: Artistic Processes as Trans Self-Affirmation" explores the personal experience of Echo Haira Serra Azevedo, a Design student at UFPE, as a non-binary trans person, through art. It explores issues of gender identity, specifically transgenderism and its multiple forms of expression, using artistic languages such as performance, painting, and poetry to investigate and communicate their journey of self-discovery and affirmation.

The project is presented as an art exhibition with three main performances: "I am Gray," "I Found Myself in the Mirror," and "Echo," each portraying different stages of the process of self-acceptance and identity. Through these performances, the author expresses their internal struggle to recognize and affirm themselves as non-binary trans, addressing themes such as the search for their own gender identity, physical transformation, and the social impact of their transition.

Inspired by artists such as Lorenza Bottner, Fefa Lins, and AuroAura, the work also engages with queer theory and authors such as Judith Butler and Paul B. Preciado, who question binary gender norms and propose a more fluid and plural vision of identity. The project's conclusion highlights the importance of art as a tool for self-affirmation and the deconstruction of cis-heteronormative patterns, in addition to proposing a workshop that encourages others to explore their subjectivity through artistic creation.

Keywords: gender identity, transgender, non binary, sensitive knowledge, performance, painting, exhibition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
CARTA 1- MEU PROCESSO ENQUANTO PESSOA TRANS	7
JUSTIFICATIVAS	10
OBJETIVOS	10
Objetivo Geral	10
Objetivos específicos	10
METODOLOGIA	11
LINGUAGEM ARTÍSTICA E IDENTIDADE DE GÊNERO	11
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS	15
<i>EU SOU CINZA</i>	16
CARTA 2 - EU SOU CINZA	21
<i>ME ENCONTREI NO ESPELHO</i>	22
CARTA 3 - ME ENCONTREI NO ESPELHO	26
<i>ECHO</i>	27
CARTA 4 - MEU NOME	30
<i>PINTURAS</i>	32
CONCLUSÃO	44
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	45

INTRODUÇÃO

Partindo da minha experiência de corpo, enquanto corpo trans, e dos livros que li (Preciado, 2012; Butler, 2005; Estés, 1994) posso afirmar que, para falar sobre transgeneridade precisa-se entender o que é identidade de gênero. E para entender o que é identidade de gênero, precisa-se aprender a diferença entre identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual/afetiva.

A Orientação Sexual/afetiva, refere-se às diferentes formas que o indivíduo pode direcionar seus sentimentos e atração a outra pessoa. A orientação sexual é caracterizada por uma atração física e sexual por indivíduos de um determinado sexo ou gênero, não sendo, necessariamente um traço fixo e imutável dos indivíduos, contudo, para a maioria das pessoas ela tende a se estabilizar na idade adulta. Enquanto a orientação afetiva é um conceito que refere-se ao vínculo emocional e romântico em que o indivíduo busca em seus relacionamentos mais íntimos e de conectividade com o outro.

Dentre as atrações sexuais/afetivas “padrões”, existem:

- **Heterossexualidade:** caracterizada pela atração por pessoas do gênero oposto;
- **Homossexualidade:** caracterizada pela atração por indivíduos do mesmo gênero;
- **Bi/Pansexualidade:** caracterizada pela atração por pessoas independente do sexo ou gênero;
- **Assexualidade:** caracterizada pela não atração sexual ou atração sexual condicionada;
- **Arromanticidade:** caracterizada pela não atração romântica ou atração condicionada;

Em um estudo revisado por Bogaert (2003), é discutido que a orientação afetiva pode ser independente da orientação sexual, com algumas pessoas experimentando mais claramente uma distinção entre o que sentem sexualmente e afetivamente por outras pessoas. Além disso, a orientação afetiva inclui o desejo de formar laços de longo prazo, como relacionamentos românticos e de convivência, independentemente do envolvimento sexual.

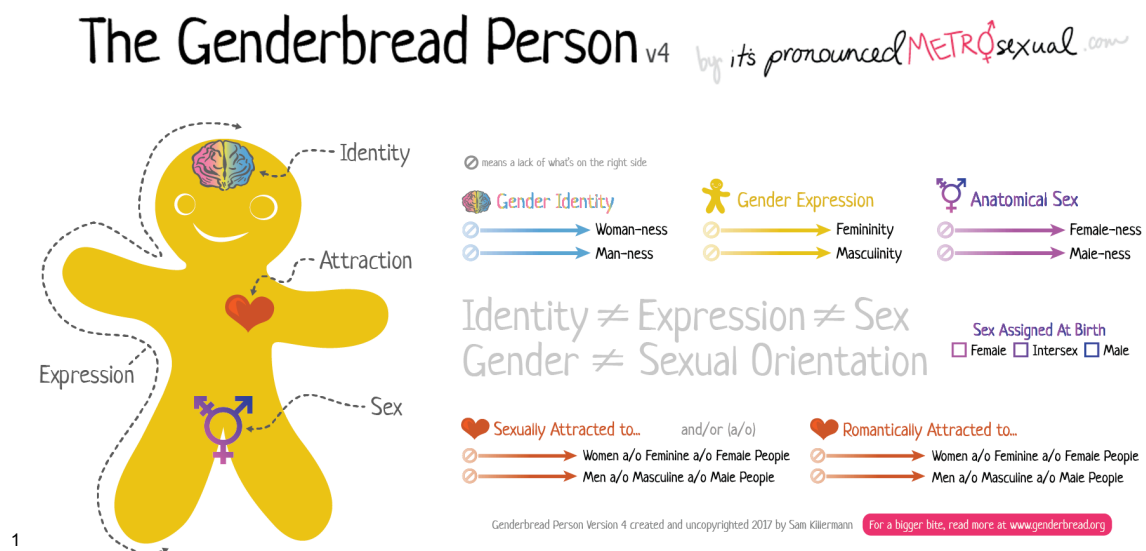
Já a expressão de gênero é como o indivíduo entende e expressa (demonstra) seu gênero externamente. Isso pode ser feito através de:

- **Roupas;**
- **Penteados;**
- **Maneiras de falar;**
- **Formas de agir e se comportar;**

Expressão de gênero é como uma linguagem, utilizada pelas pessoas, para comunicar sobre quem são. Não existe uma regra fixa, apesar de determinados padrões serem entendidos como masculino ou feminino, qualquer pessoa pode se expressar da forma que lhe é mais confortável, por exemplo, há um crescente movimento pela popularização da maquiagem masculina. Um movimento onde homens mostram que o uso da maquiagem não torna sua expressão de gênero feminina, mesmo que, na sociedade atual, a maquiagem ainda seja vista como um recurso de expressão de gênero feminino. A expressão é o que as pessoas percebem externamente, enquanto a identidade é como a pessoa se sente por dentro (homem, mulher, não-binário, etc.).

É como um jogo de roupa e atitude: cada pessoa escolhe o que quer mostrar de si mesma!

A identidade de gênero consiste no modo como o indivíduo se identifica com seu gênero e é construída com base nos padrões sociais que são repassados como masculinos e femininos, não necessariamente se enquadrando nestes padrões. Em suma, representa como a pessoa se reconhece e se entende dentro dos padrões sociais de comportamento, vestuário, atitudes, etc... Podendo entender-se como: homem, mulher, bigêneros, agênero ou, até mesmo, entre uma gama de gêneros que são espectrais (figura 1).



A identidade de gênero pode ser classificada dentro ou fora da binaridade de gênero (masculino e feminino). Uma pessoa binária se identifica estritamente com o masculino ou o feminino, sempre de maneira separada e sem fluidez.

¹ The Genderbread Person v 4

As identidades de gênero que são binárias (homem e mulher) são:

- **Cisgênero:** É quando a identidade de gênero atribuída no nascimento com base no sexo biológico corresponde com o entendimento de si. Por exemplo, uma pessoa que nasceu fêmea e se identifica como mulher.
- **Transgênero:** É quando a identidade de gênero de uma pessoa não corresponde com a que foi atribuído no nascimento com base no sexo biológico. Por exemplo, uma pessoa que nasceu fêmea, mas se identifica como homem.

Contudo, transgênero é um termo guarda-chuva, abrangendo também as identidades de gênero que estão fora da binaridade homem e mulher.

Entre todas as identidades de gênero dentro do guarda-chuva trans, como agênero, gênero neutro, bigênero, etc... existe outro termo guarda-chuva. A identidade Não-Binária.

- **Gênero não-binário:** Refere-se a pessoas que não se identificam exclusivamente como homens ou mulheres (seja homem/mulher cis ou trans). Elas podem se entender enquanto um espectro diferente, composto pelas nuances da sua singularidade em relação ao que é socialmente determinado para os padrões binários de gênero (masculino e feminino).

No livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), Judith Butler questiona a identidade como fundamento da ação política do feminismo, sendo a identidade feminina, para a contemporaneidade, engessada por uma matriz hetero-normativa, de forma que presume que a identidade “mulher” está diretamente ligada ao feminino e se opõe diretamente ao masculino, excluindo sujeitos que se enquadram nas exigências normativas do gênero, porém que não se encaixa no sexo biológico ao qual o gênero está diretamente vinculado. Para Butler a sociedade é regida pela cis-hetero-normatividade (heteronormatividade ou heterossexualidade obrigatória) no que diz respeito a identidade de gênero, entretanto Butler defende que a identidade de gênero é uma ação político-social advinda da performatividade como meio de questionar a determinação natural, portanto imutável, da matriz binária de gênero, sendo uma construção social e não algo nato.

Paul B. Preciado, em seu livro *Manifesto Contrassexual: praticas subversivas da identidade sexual* (2015) defende: “A contrassexualidade é também uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade.” Trazendo um olhar mais decolonialista sobre as questões de gênero e menos performático, como é o de Butler, já que está, em seu argumento, usa da performance Drag Queen como meio de afirmar que gênero é performance, se apoiando no estudo antropológico de Esther Newton do início dos anos 70.

Para Butler, a performance de drag queen evoca a ideia de que gênero é uma construção performativa por meio de mecanismos culturais que fazem a ligação entre gênero e sexo biológico, utilizando-se do caso de Venus Xtravaganza (uma das protagonistas do documentário *Paris is burning*, sem levar em conta que Venus já iniciou o processo de transição, que vive do trabalho de prostituição e que Venus era uma travesti de cor e origem latina e não uma cidadã branca americana).

Os estudos da Teoria Queer começaram a ser desenvolvidos no final dos anos 80 e permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação.

As construções de gênero, no Brasil, durante os primeiros passos desses debates, se formou em cima de três gêneros que se já tinham estabelecido na sociedade. O homem, a mulher e a travesti. Onde, na luta da travestilidade, estava imbuída essa percepção do autorreconhecimento da dissidência de gênero enquanto o fator determinante é o sexo biológico, causando assim uma fuga daquilo que, na sociedade, é visto como o que é certo.

Christine Greiner destaca em seu livro *Corpos Crip* (2023): “O que foge a esses parâmetros é reiteradamente lançado em categorias abjetas, para ser descartado, exaurido, subalternizado, considerado indigno, perigoso ou simplesmente desprezível.” E é contra essa percepção dos corpos trans que a sociedade cis/hetero tem, que se começa a luta das pessoas trans pelo seu direito de simplesmente ser.

Neste sentido, fala Zeca Caru de Paula no podcast “Entre Amigues”: “Gênero funciona desde um dispositivo identitário da raiz única e da raiz verdadeira. Isso tá tão embrenhado na dimensão do ser. É o *Eu*, é o ser. Uma característica do modo colonial é uma hiper valorização do eu.”

Assim, entendo que a identidade de gênero é a percepção do ser quanto ao seu papel na sociedade a partir da percepção do *Eu* enquanto ser social e individual, pautado nas próprias singularidades e visão de si em meio ao ambiente social que vive.

Como, por exemplo é visto na cultura dos bugis, na ilha Sulawesi na Indonésia, que se destaca por reconhecer 5 diferentes gêneros sendo esses:

- *Makkunrai* que corresponde ao conceito ocidental de mulher cis;
- *Oroani* que corresponde ao conceito de homem cis;
- *Calalai* nascem com corpos femininos, mas assumem papéis de gênero considerados localmente tradicionalmente masculinos;
- *Calabai* nascem com corpos masculinos, mas assumem papéis de gênero que localmente são convencionalmente femininos;

- Bissu, que não se considera nem masculino nem feminino, mas representa todo o espectro do gênero.

CARTA PARA AQUELES QUE ME CONHECERAM DE ANTES - MEU PROCESSO ENQUANTO PESSOA TRANS

Eu nasci na primeira metade dos anos 90. Sei que naquela época já existia os questionamentos sobre identidade de gênero, porém, não estavam ao alcance da minha bolha. Eu não fazia ideia de que tinha como questionar o gênero imposto ao nascimento, então, por muito tempo, eu me sentia completamente errado.

Perdi a conta de quantas vezes falei durante a infância e adolescência que eu havia nascido no corpo errado, que eu não era uma menina e quantas vezes isso foi completamente ignorado.

"Você pode não gostar de saia e ser uma menina, você pode não gostar de brincar de boneca e ser uma menina. Você pode muito bem gostar das "coisas de garoto" e ser uma menina." ouvi isso diversas vezes.

Mas a minha questão de não gostar das coisas ditas "de menina" e querer as coisas ditas "de menino" era para justificar que eu não era uma menina. Eu não gostava das coisas, roupas e brincadeiras de menina, porque eu não era uma menina, então aceitar essas brincadeiras seria como um tiro no meu próprio pé. Eu não poderia afirmar que não era uma menina se gostava de coisas de menina. Então eu não gostava.

Durante a adolescência, entre os 12 e os 16 anos, eu tentei encontrar alguém que acreditasse em mim quando eu dizia "ter nascido com um erro genético no 23º par cromossômico". Até que eu comecei a achar que eu era louca e desisti.

Para piorar cresci com medo. Medo de me vestir como queria porque eu ouvi várias vezes minha mãe falar "tudo bem ser sapatão, mas não precisa andar por aí parecendo um homem, é ridículo." eu sabia que, se eu falasse como me sentia, como gostaria de me vestir, seria colocado de lado e perderia seu afeto.

Então comecei a procurar por adaptações:

Cortes de cabelo feminino curtos;

Roupas femininas mais largas;

Qualquer estilo mais andrógono servia, porque, logicamente, poderia ser interpretado como “coisa de menina”.

Eu simplesmente me forcei a mudar quem sou, por medo de abandono e rejeição e passei anos negando a minha própria existência, meus desejos, minhas vontades... Anos me negando por puro medo.

Vivi assim de 2000 até 2017 (uma vida) quando, nesse ano, lançou a novela A Força do Querer na rede Globo.

Lá havia um personagem, Ivana, que depois veio a ser Ivan. Esse personagem era exatamente como eu. Odiava o próprio corpo, não se sentia nem se entendia, muito menos se via como mulher.

Eu assisti a minha mãe assistindo aquela novela. Analisava como ela reagia ao desenvolvimento do personagem. E quanto mais eu me identificava, mais eu me odiava, porque, por muito tempo ela rejeitou a ideia. Então ela começou a entender e ali eu vi uma esperança.

Contudo, sempre que eu tentava questionar, sempre que eu tentava conversar, o resultado era o mesmo, minha mãe jamais iria me aceitar.

E cada vez mais eu me odiava, eu não me suportava, eu queria minha morte. Se ela, que é minha mãe, não me aceitaria, como outra pessoa no mundo iria?

Engoli tudo o que eu sentia. Porque, tudo bem o personagem na novela, porque tudo bem as outras pessoas. Mas não eu.

Aos 23 anos eu finalmente tinha me entendido. Aos 23 anos eu descobri que eu podia ser, que eu ERA realmente aquilo e que eu não era louco, doente ou estava errado.

E saber foi ainda pior. Porque agora eu sabia e não podia ser eu. Isso me fez autodestrutivo, eu quis morrer porque era melhor que sofrer.

Eu engoli quem eu realmente era, vivendo sem vontade ou propósito, pedindo aos deuses, toda santa noite, para não acordar no dia seguinte.

E com isso se passaram mais 6 anos. Anos esse na qual eu só conseguia me odiar e me questionar “por que eu não posso ser normal?”

Até que eu simplesmente cansei. Eu já me odiava mesmo, porque não falar e deixar que o mundo me odeie também? Talvez assim eu tivesse mais coragem para tomar a saída de emergência e partir.

E sim, esse foi o motivo pelo qual eu assumi. Foi por causa disso que eu admiti. Para que o ódio por mim viesse de mais fontes além de mim mesmo, porque assim eu não suportaria e sucumbiria, eu finalmente teria coragem para morrer.

Mas as pessoas à minha volta não me odiaram, pelo contrário, me apoiaram.

Exceto minha mãe.

Não importa o quanto ela fale que me aceita e me apoia. As palavras são completamente vazias. As atitudes dela deixam claro que, para ela, é mais uma mentira para chamar atenção, uma fase com uma desculpa para tentar me encaixar em algo que eu não sou, porque está na moda, ou talvez, apenas uma forma de afrontá-la, já que, para ela, tudo que eu faço na vida tem o intuito único de implicar com ela, afrontar e irritá-la.

Quando eu percebi que não aguentava mais a farsa da minha vida.

Acredito que março de 2022, em meio a pandemia, eu já não suportava mais me sentir enclausurado, e qualquer mínima faísca era motivo de estresse e crise de ansiedade.

Enquanto eu conversava com as pessoas, cada vez que alguém me tratava no feminino, me fazia querer morrer. Eu sequer conseguia mais me olhar em um espelho, era doloroso para mim simplesmente baixar um pouco os olhos e ver meu próprio corpo

comecei a procurar atendimento psicológico de emergência on-line, eu precisava de ajuda urgente ou acabaria em sangue e choro e desespero.

Foi difícil mas consegui superar, com acompanhamento psicológico e psiquiátrico. Levou ainda um bom tempo para eu falar com minha família, meus amigos já estavam me tratando no masculino.

JUSTIFICATIVAS

A principal motivação para a elaboração deste projeto, vem da minha descoberta e vivência como pessoa trans não-binária. Como se trata de um assunto ainda de confusa discussão na sociedade e comumente abordado sobre um ponto de vista heteronormativo, reconheço haver um nicho específico de alcance para a visão menos heterocentrada. Por isso, busquei abordar, para o meu trabalho de conclusão, uma forma de levantar esse tema, que se tornou muito significativa para o meu desenvolvimento acadêmico e minha forma de ver e pensar sobre o mundo. Optando por uma comunicação mais artística, usei das linguagens da pintura performance para entender e falar sobre questões de gênero.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Montar uma exposição, com o objetivo de abordar o tema: “Identificação e compreensão enquanto pessoa trans não-binária, processo de transgeneridade e suas multiplicidades expressivas através de linguagens artísticas”.

Objetivos específicos

- Desenvolver uma série de experimentos e obras em linguagens artísticas variadas acerca do tema.
- Experimentação da linguagem performática como meio de comunicação para a compreensão da transgeneridade.
- Experimentação da linguagem da pintura como meio de comunicação para a compreensão da transgeneridade.
- Experimentação da linguagem poética como meio de comunicação para a compreensão da transgeneridade.
- Expressão livre da corporeidade a partir da minha vivência como pessoa trans.
- Realização e exposição de vídeo performances a partir dos experimentos do projeto.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada na elaboração desse projeto é uma autoetnografia, utilizando dos conceitos teóricos acerca das teorias de gênero e como elas estão sendo estudadas na atualidade, e desenvolvimento prático autobiográfico de obras artísticas como meio de elaboração de material a ser estudado em busca da compreensão dos fatores identitários de gênero.

LINGUAGEM ARTÍSTICA E IDENTIDADE DE GÊNERO

A escolha da linguagem da performance se deu por causa do meu desenvolvimento no curso de design. Em meados da pandemia de COVID-19, comecei a questionar a minha permanência no curso, quis desistir. Contudo, ao participar da cadeira "Laboratório de Sensibilidade Estética" ministrada pela prof. dra. Oriana Duarte, onde realizei um trabalho intitulado "Hiraeth", me vi fascinado por esta linha de estudo e pesquisa. (Figura 2)



2

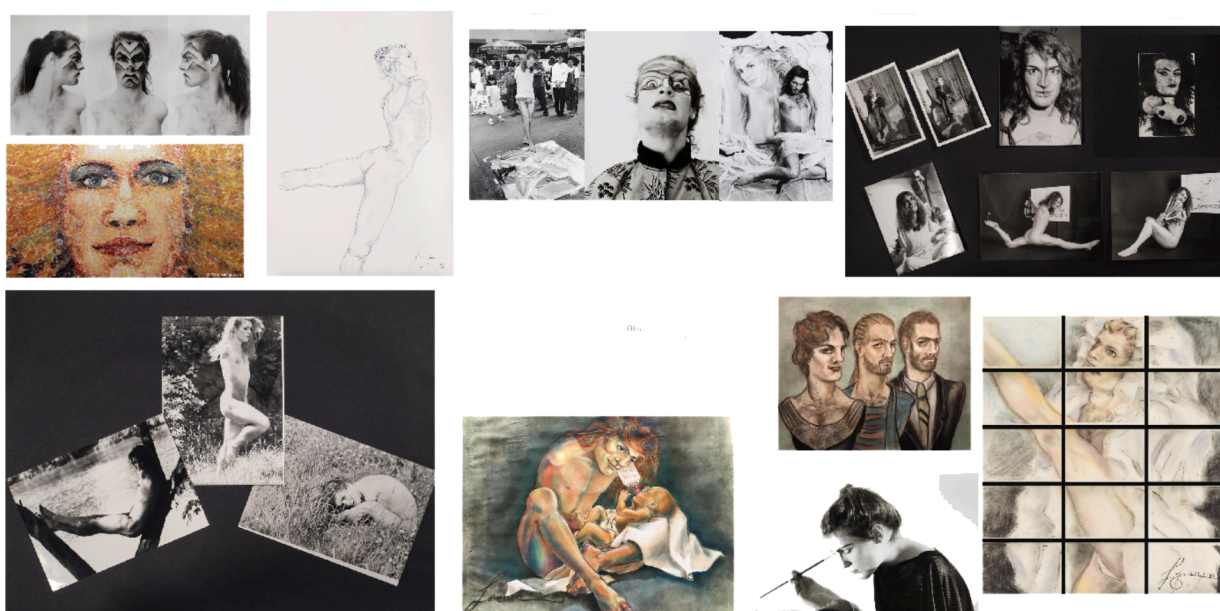
² Hireth, trabalho em foto performance produzido por Echo Haira. Modelo: Jamile Harina, minha filha.

O processo de elaboração das pinturas surgiu a junto a necessidade de complementar o que foi produzido pelas performances. “Como cheguei ao processo das performances?” Esse trabalhar com subjetividade como processo de auto-entendimento e como meio para externar sentimentos advindos do *EU* é, em sua essência, um caminho de criação, autoconhecimento e percepção de mundo, que se desenvolve através de um olhar único.

Na minha busca de compreender gênero, encontrei diversos artistas que usaram de suas produções para expressar sua vivência como pessoa transgênero. Entre vários que falam dessa observação do corpo como arte e do gênero como algo construído, não nato, e de sua identificação, vivência e expressão, eu me inspirei em Lorenza Böttner, Fefa Lins, Auro Aura:

Lorenza Böttner (1959 - 1994) Nascida em uma família alemã em Punta Arenas no Chile, aos oito anos de idade a artista sofreu um acidente que acarretou a amputação dos seus dois braços devido a um choque elétrico. Lorenza contribuiu, por meio de sua arte multidisciplinar, para a crítica da normalização do corpo e do gênero ao final do século XX. (figura 3)

“Os desenhos e auto-retratos de Lorenza como mulher, roupas femininas projetadas para corpos sem braços, e sequências fotográficas que documentam esse processo de transformação funcionavam como tecnologias performativas para criar uma subjetividade sem braços e transgênero (como visto na performance de Vênus de Milo, primeiramente encenada em Kassel em 1982, posteriormente levada para Nova York e São Francisco).”
Vidas e obras de Lorenza Böttner por Paul B. Preciado



³ Imagens retiradas da revista ArteVersa.

A vida e obra de Lorenza levanta questionamentos como: O corpo pode existir fora da experiência corporal binária e normativa? O que acontece quando o corpo quebra os códigos de expressão da masculinidade e da feminilidade? Como reconhecer as minúcias veladas da exotificação, silenciamento e exclusão?

Preciado, que foi o curador da exposição em Barcelona, no Centre de la Imatge La Virreina, intitulada **“Requiem por la norma”**, indaga:

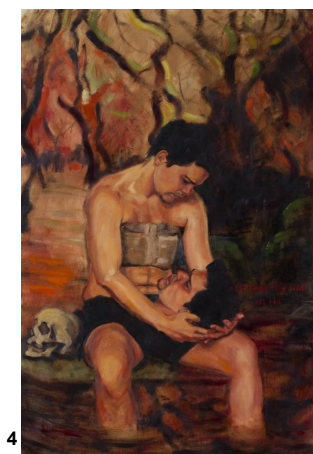
Em que marco de representação pode um corpo fazer-se visível como humano? Quem tem direito a representar? Quem é representado? Pode uma imagem conceder ou recusar agência política a um corpo? Como pode um corpo construir uma imagem para converter-se em sujeito político? Há alguma diferença estética entre uma imagem feita com a mão e uma feita com o pé, ou essa diferença traduz uma posição de poder?

Para a revista ArteVersa, Maria Céu Rocha e Luciana Gruppelli Loponte falam sobre Lorenza: “Pintar. Desenhar. Fotografar. Dançar. Se auto retratar e se restabelecer enquanto um corpo múltiplo que extrapola a possibilidade de estar dentro ou fora de uma norma para reivindicar seu direito de existir e viver sua corporalidade e subjetividade.”

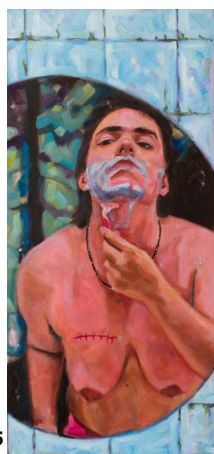
Em seu lugar em uma sociedade fechada e não subjetiva, a vida de pessoas transgênero e diversas funções corporais, Lorenz Böttner incorpora e explora a imensidão e a multidimensionalidade de um universo de tecnologia, artista, corpo transgênero, examinando sua capacidade de atuar em uma variedade de capacidades. Seu trabalho consiste em questionar os lugares excludentes em que seu corpo se encontra, a fim de construir sua experiência corporal para além da normatividade imposta.

Fefa Lins

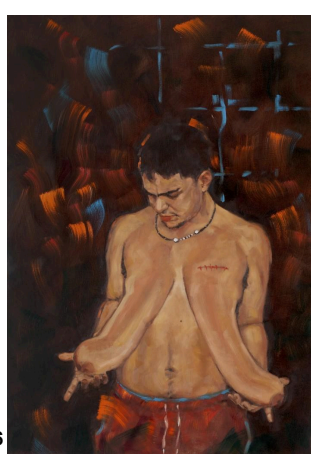
É um artista visual recifense nascido nos anos 90 e graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco que traz, por meio de suas obras, a inquietação com o sistema sexo-gênero, mostrando sua vivência e à subjetividade do ser como pessoa transgênero que foi indicado ao prêmio PIPA 2022. (figura 4 - 9)



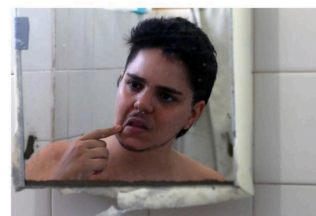
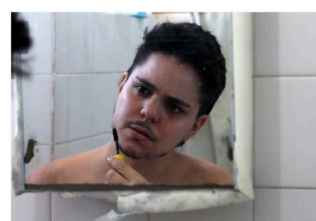
4



5



6



7



8

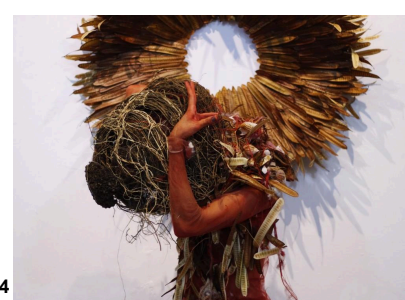


9

AuroAura

AuroAura tem a arte indissociável de sua vida. Para Aura o corpo é uma matéria mutável e sua vivência do sensível que se reconhece em meio a “uma mescla de vida e performance, de trânsito e pesquisa, de expurgo, representação e absorção ininterrupta do mundo”. (figura 10 - 14)

-
- ⁴ & se trans for mar
 - ⁵ Preparando o terreno
 - ⁶ Seio Fartos
 - ⁷ Fazer a barba
 - ⁸ sem título
 - ⁹ Exposição



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a fundamentação teórica eu optei por me basear em Paul B. Preciado, após minha leitura e identificação com o livro “Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual”. A partir do pensamento filosófico sobre construção social de gênero e a relação do entendimento do indivíduo com ser sociável e como sua identidade interfere em como se apresentar à sociedade e na criação das relações interpessoais.

Estudar e expressar gênero para além da norma heterocentrada, para mim, como pessoa que não se encaixa nos papéis de gênero socialmente determinados, traz uma ampliação de compreensão do corpo como meio de pensar e produzir arte e design.

¹⁰ Indução ao Processo de Autodesconhecimento 00001

¹¹ Temporária Mente Sem Título

¹² Mímese da Matéria Futura

¹³ Tentativa de Retorno

¹⁴ Ritos de Expurgo e Transmutação

A pouca informação acerca dos trabalhos de Fefa Lins e AuroAura partem da ideia de que eles ainda estão desenvolvendo seus olhares acerca do mundo e seus questionamentos e criando seu lugar através da arte e do sensível, então, ao meu ver, uma busca direta das próprias palavras deles, de maneira mais atual, é mais válida, enquanto Lorenza já deixou seu legado e marco na história. todas as imagens dos trabalhos de Fefa Lins e AuroAura foram retiradas do site do Prêmio PIPA.

Com essa ideia e percepção do corpo como linguagem artística e poética, que também é lugar de identificação e reivindicação, busco, por meio de uma série de experimentos artísticos, elaborar uma forma de expressar e comunicar essa subjetividade que é o gênero, sendo o lugar de exposição desta expressão.

PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

Para o desenvolvimento do projeto foram utilizadas as linguagens artísticas da escrita, pintura e performance, tendo essas duas últimas produtos de exposição.

Os temas das performances foram baseadas em três pontos que eu entendi como primordiais em um processo de transição de gênero. São eles:

- **A identificação:** *entender-se enquanto pessoa trans.*
- **A personificação:** *performar/expressar/aparentar o gênero com o qual se identifica.*
- **A nomeação:** *identificar-se com o nome, encontrar um nome com o qual se identifica e que expresse quem se é.*

Como objeto final para exposição dos estudos em performance, foram elaboradas 3 performances:

- **Eu sou Cinza;**
- **Me encontrei no espelho;**
- **Echo;**

EU SOU CINZA



15

Estudo e compreensão de autoafirmação trans. Elaborado de maneira a falar sobre o processo de identificação enquanto pessoa trans, a performance *Eu sou Cinza* tem como objetivo elucidar o meu processo de entendimento e aceitação enquanto pessoa trans.

Para o desenvolvimento desta performance foram necessários 3 fatores principais:

¹⁵ link para vídeo performance

- O desenvolvimento do poema a ser performado;
- A escolha dos locais de gravação;
- A forma como seria registrado.

Embora a performance, como afirma Peggy Phelan em *A ontologia da performance*, seja um evento efêmero que não pode ser reproduzido em sua totalidade, o ato de registrar por meio de gravação e a escolha dos locais tornam-se dispositivos que contextualizam a experiência original. Nesse sentido, a performance se transforma, assumindo uma dimensão híbrida entre o efêmero e o reproduzível. Além disso, ao considerar a performatividade da escrita, ecoando John L. Austin, o próprio poema ganha vida na interação com o espaço e o meio de registro, reforçando seu caráter de ato em transformação.

A ideia inicial do poema é que ele fosse de cunho mais político, reivindicando direitos e embasado na luta das pessoas trans por seu reconhecimento e espaço.

Depois de algumas tentativas sem sucesso, percebi que, em primeiro lugar, o projeto é todo embasado numa produção de arte emocionalmente envolvente, e que a mudança do aspecto de defesa do que o projeto instiga causaria uma quebra no desenvolvimento. Também perderia o traço artístico que é inerente do autor que traz a individualidade e representatividade daquele que produz a obra.

A partir dessa percepção passei a escrever tornando-o mais pessoal. Do meu ponto de vista e dos meus sentimentos quanto aquele momento. Trazendo a obra características minhas, de identificação.

Eu sou Cinza

(Echo Haira)

Me ensinaram que era
assim
A gente nasce homem ou
mulher. Fim
E eu questioneei o porquê
Disseram “É assim que deve
ser”
Eu só queria me entender.
Me disseram que não podia
mudar
E eu me senti errado.
Eu disse que não era uma
garota
E fui desvalidado.

“Você é o que é, nasceu
assim”
Mas essa não era a verdade
para mim.
Não, eu não sou mulher!
Homem eu também não
podia ser,
Parecia errado dizer.
Então o quê?
Foi difícil, mas aprendi.
O mundo não é só preto e
branco
Tem escalas de cinza por aí.
Eu era cinza!
Não-binário me falaram
E uma lâmpada
Em minha cabeça se
ascendeu,
E alí eu me vi

Este era eu.
Mulher demais para ser
homem,
Homem demais para ser
mulher,
Os dois ou nenhum deles
Pouco me importa!
Mas o que era uma linha
torta
Que parecia tão errada
E tinha que ser corrigida,
Fez total sentido em minha
vida.
Algumas pessoas são preto,
Outras pessoas são branco.
E eu não tenho que ser
nenhum.

Me explorei, estudei,
aprendi,
Me entendi!
E eu era simplesmente
assim.
Se gênero é uma escala
linear
Onde o meio é a
neutralidade,
Eu sou uma faixa ali.
Nem homem, nem mulher,
Mas, ainda assim,
Um pouco masculino,
Um pouco feminino.
Fim.

Com o poema escrito, passou para o projeto de planejamento das filmagens. A escolha de figurino foi planejada para que o performer (eu) tivesse um impacto visual direto sobre expressão de gênero. De forma que o visual fosse rapidamente assimilado e sem muito questionamento, baseando-se em estereótipos de gênero como roupas e maquiagem para destacar masculino, feminino e neutro.

A escolha inicial de cenários foram locais de grande movimentação de massas como Marco Zero, Av. Conde da Boa Vista, Praça da Jaqueira... Mas esses locais foram descartados por uma questão de segurança pessoal, podendo haver pessoas preconceituosas e hostis ao tema nestes ambientes sem uma segurança adequada para a produção da performance.

Foi optado então por fazer o registro do vídeo no Centro de Artes e Comunicação (CAC) da UFPE. Por ser um ambiente formador de conhecimento e saberes e receptivo a toda identidade de gênero.

Foram escolhidos 3 pontos de grande movimentação no CAC:

- A entrada;
- O jardim interno;
- A área aberta entre os departamentos de teatro, dança, artes visuais e design (Nárvia).

Os locais de registro da performance conectam cada ambiente a um dos gêneros retratados no poema, os binários (masculino e feminino) e uma identidade de gênero neutra como meio de representatividade da não-binaridade.

A entrada do CAC: a porta para o ambiente acadêmico e a passagem para o conhecimento. O conhecimento não tem gênero, assim como seus espaços, por isso a entrada retrata o gênero neutro. (figuras 15 - 19)

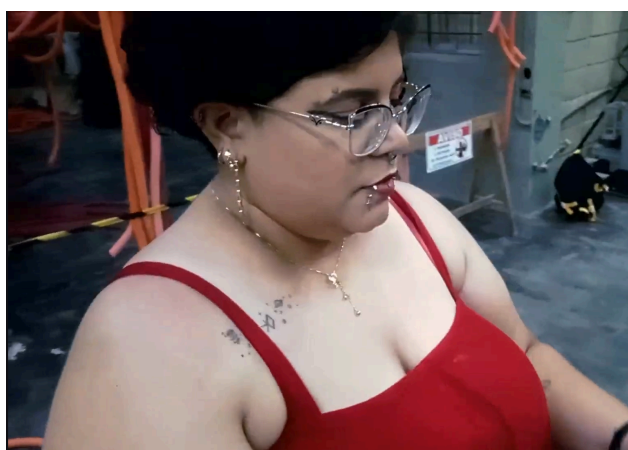
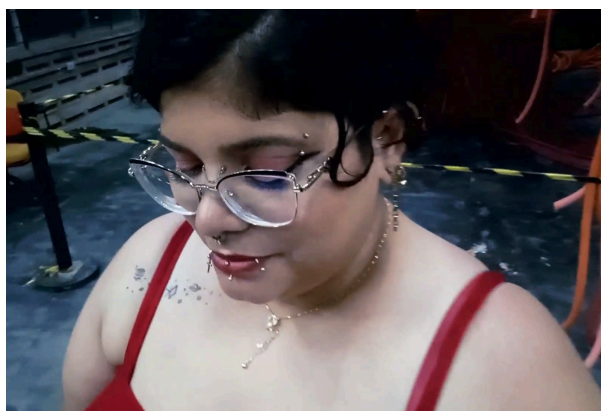
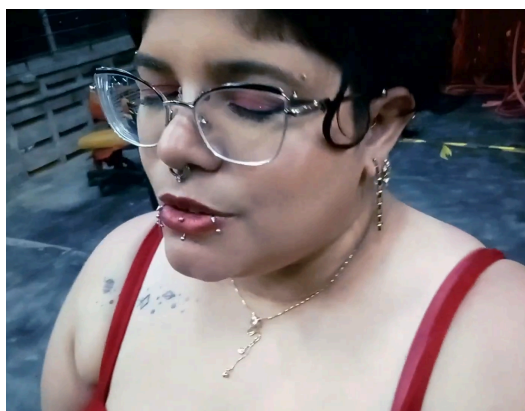


O jardim interno: a área central das interações sociais e do desenvolvimento “o lugar que desenvolve ciência, o espaço gerador do conhecimento”. Por ser o centro de um lugar formador e desenvolvedor das ciências artísticas e da

comunicação, dá força a voz que foge aos paradigmas sociais e comunica, através da arte, esse rompimento à norma. Por isso, no jardim interno, o gênero masculino. (figuras 20 - 24)



Narnia: o lugar foi escolhido para representar o feminino por um único motivo: A arte. Para mim, ser mulher foi, por muito tempo, uma atuação, uma performance. Um lugar cercado pelas artes (teatro, dança, artes visuais e design) retrata a atuação que durou anos de minha vida. (figuras 25 - 29)



Após os registros das imagens, a etapa de edição iniciou-se, onde, junto com José Marcos (editor), assistimos todas as gravações, escolhendo 3 tomadas.

A divisão dos trechos foi com base naqueles com uma melhor imagem, enquadramento e, principalmente, qual deles expressava visual e emocionalmente melhor a parte do poema que se estava declamando, para então ser legendado e finalizado.

CARTA AO MEU EU ARTISTA - EU SOU CINZA

Quando comecei a escrever o poema para essa performance, eu buscava escrever algo que simbolizasse uma luta pelo direito de ser. Queria escrever algo mais político, mas pautado na causa das pessoas trans e na luta das pessoas não-binárias em busca de reconhecimento de suas existências.

Mas não sei escrever poesia dessa maneira. Meus poemas sempre foram uma forma de expressar como eu me vejo e me sinto. E esse não podia ser diferente.

Enquanto eu me forçava a escrever algo que parecia não ser minhas palavras eu comecei a me questionar porque algo tão pessoal tinha que ser falado de uma maneira que fosse o outro? Era sobre mim, então tinham que ser minhas palavras, minhas visão e percepção de mundo.

Então simplesmente deixei de lado e comecei a escrever de outra forma, com meu coração e não com minha cabeça, me baseando no que eu estava sentindo enquanto colocava as palavras no papel. E foi assim que eu o escrevi.

Para gravar foi muito tenso. Eu iria gravar em locais abertos, com pessoas passando, ouvindo. Porém, tinha um certo conforto em estar no CAC, não me senti tão exposto à olhares julgadores e também não precisei sentir medo de que algo pudesse acontecer. Me sentia em um ambiente seguro, para ser quem eu sou e me expressar.

Mas ainda assim tive medo. Minha timidez, me abrindo e me mostrando vulnerável em um lugar onde havia pessoas que poderiam ouvir algo que soava tão eu, tão íntimo. Ainda assim eu queria me testar. foi difícil no começo, parecia impossível não errar. Desistir não era uma opção, ou o que? desistir do TCC?

Mesmo com medo, mesmo achando que todos estavam me julgando, eu insisti e consegui.

É muito difícil falar de si em um local onde tem muitas pessoas desconhecidas que podem ouvir, É ainda mais difícil quando esse algo te mostra vulnerável. Você olha em volta para ver se estão te ouvindo, se prestaram atenção nas suas palavras, se estão te julgando.

Superar essa timidez, esse temor, foi o mais difícil na elaboração dessa performance.

ME ENCONTREI NO ESPELHO



16

Se enxergar no espelho é primordial para se entender.

Essa performance tem como intuito trazer essa ideia do “enxergar a si mesmo ao olhar para o espelho”.

O primeiro passo, na busca por me mostrar como pessoa trans masculina, foi mudar o corte de cabelo usando a ideia da sociedade de que mulheres lindas têm cabelos longos enquanto homens precisam ter cabelos muito bem cortados. Ideia essa que ganhou forma durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial devido a proliferação de pulgas e piolhos nas trincheiras e ao déficit de produtos de higiene, sendo também com o soldado sendo adotado como figura ideal de masculinidade, passou a ser culturalmente entendido que o homem bem apresentável tem seus cabelos curtos. No que diz respeito às mulheres, o uso de cortes curtos na década de 1920 representou um ato de liberdade e um símbolo de independência estética, em sintonia com as alterações no papel social após um conflito, quando elas passaram a fazer parte de uma força de trabalho em maior escala. Este cenário contribuiu para estabelecer uma distinção visual entre gêneros em relação aos cortes de cabelo.

Através da ideia socialmente enraizada de que “homem tem cabelo curto” e somado a um gosto pessoal de cabelo mais curto, foram o ponto de partida para a construção da performance.

Me encontrei no espelho, tem como objetivo a subjetividade do nome, olhar no espelho e se reconhecer no reflexo, ao trazer essa ideia socialmente formada em meu eu criança de que homem tem cabelo curto, então para eu me afirmar enquanto masculino precisaria em primeiro lugar aparentar masculino.

¹⁶ link para a videoperformance

Esta ideia do “tornar-se masculino” através do corte de cabelo, também foi embasada por uma discussão que aconteceu na internet brasileira na primeira metade do ano de 2024 quando se debatia sobre a transgeneridade feminina e a desfeminização (a mulher desfem). O debate começou após uma influencer trans afirmar que não existia Trans Desfem, alegando que a base da transição feminina de gênero era justamente “tornar-se feminina”.

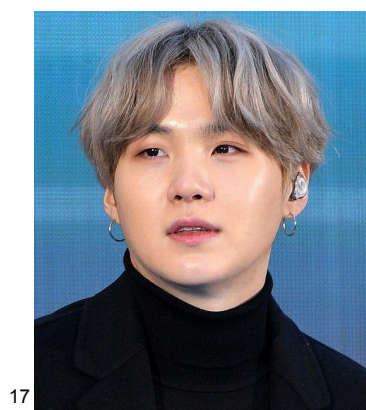
Em meio à discussão, pude entender que a ideia do DESFEM era advinda de mulheres que não se adequam ao ideal social de feminilidade que toda mulher deveria seguir e, por isso, para uma mulher trans ser desfem, ela precisaria passar, primeiro, pelo processo de feminilização social.

Seguindo essa mesma ideia, a adaptei para o meu próprio processo. Para quebrar as regras sociais de gênero, precisaria primeiro conhecer e me adequar a tais regras.

Sendo assim, a regra “homens têm cabelos curtos” foi utilizada como ponto de partida. Para que eu pudesse me romper dessa caixa da binaridade de gênero, precisaria primeiro conhecer em e encaixar em tais caixas. Buscando enquadrar-me na caixa do “homem” de uma maneira visual prática.

O início do processo partiu da escolha do corte de cabelo, utilizando como referência um misto de ideais de moda, algo que me agradava e que tivesse a carga do “ser masculino”, cheguei a escolha do corte de cabelo “padrão asiático” (comumente utilizado por atores, cantores, e membros de grupos masculinos de música pop, k-pop/c-pop).

Após a escolha do corte de cabelo, comecei a buscar por referências: (figuras 21 - 24)



17



18



19

¹⁷ Suga - BTS - fotos tiradas do google

¹⁸ Baekhyun - EXO - fotos tiradas do google

¹⁹ Bang Chan - Stray Kids - fotos tiradas do google



20

Com o estilo definido, comecei o processo de ideação da performance.

- Onde seria executada;
- Quantas câmeras registrariam o processo;
- Ângulos a serem gravados;
- Quem executaria o corte;

Com base que a ideia de todo o processo é pessoal, uma exploração do meu próprio EU, defini que seria um processo mais intimista. Sendo executado em um local com o mínimo possível de plateia, com uma gravação mais simples trazendo a ideia de vídeo caseiro dos anos 90. Onde o foco era explorar a transformação e a percepção do eu antes, durante e depois do processo, sendo definido duas câmeras, uma para registrar minhas expressões e outra para o processo do corte em si.

Durante o registro da performance, os únicos que sabiam a intenção por trás do registro eram os responsáveis pela filmagem e a cabeleireira responsável pelo corte. Todos os outros que estivessem no local não seriam informados do motivo da gravação para nada além de “um trabalho da faculdade” justamente para não delimitar suas reações. (figuras 25 - 28)



No meio do processo da performance, a cabeleireira decidiu, por conta própria, retirar a minha possibilidade de ver o processo do corte, me privando do espelho. Eu aceitei a ideia já que no final, o sentido da performance era me encontrar no espelho. (figuras 29 - 30)



Ao ser privado de visualizar o processo gerou mais expectativa ainda no resultado final.

Na edição dos vídeos, decidi focar menos na minha reação e mais no processo. Deixando apenas a minha reação antes e depois, uma forma de destacar a ideia de resultado advindo da performance. Tornando ela mais voltada para o processo do corte, pois é esse processo que traz a realização da identificação e o reconhecimento, e também, depois que o espelho me foi tirado a minha reação se manteve a mesma, expectativa, assim como no início, onde o corte não tinha começado e a imagem final encontrava-se apenas na minha ideiação de resultado. Isso também trouxe um foco maior para o que a performance quer transmitir, ou seja, o processo de entendimento e mudança que traz a aceitação de si e a identificação com o próprio reflexo, de modo a poder dizer “Agora o espelho mostra uma imagem mais próxima do meu eu verdadeiro e não dá identidade que me foi imposta”.

CARTA À TODOS AQUELES QUE, COMO EU, NÃO SE ENCONTRAM EM ESPELHOS - ME ENCONTREI NO ESPELHO

Me olhar no espelho era uma luta em si. Eu não me reconhecia no que via. Não era eu, e tudo nele apontava para uma garota que eu jamais consegui ser.

No momento em que me sentei em frente ao espelho para cortar o cabelo parecia um passo sem volta, aquele momento parecia definir quem eu era e quem eu seria e por um instante pensei se eu também

não estava forçando ser outro que não eu. Então ouvi o som da tesoura e sabia que tinha começado.

De início eu encarava meu próprio reflexo no espelho tentando me encontrar ali, queria me descobrir naquele reflexo me ver mesmo que enxergar a mim mesmo parecesse impossível.

Enquanto eu sentia o cabelo cair em minhas costas, corte após corte da tesoura me perguntei se estava fazendo o certo. Eu olhei para quem estava ali comigo, participando daquele meu momento e parecia tão certo que eu estava me tornando o eu que eu reconheceria no espelho.

Então o espelho me foi tirado.

E agora eu não tinha nenhuma referência de como eu estava ficando.

Não saber era ainda mais difícil do que saber, me questionei se essa havia sido a melhor decisão, eu só saberia quando não tivesse mais volta.

Em algum momento ouvi um comentário de “ela vai ficar linda” de uma senhora que estava lá e o feminino me incomodou. Naquele instante eu não era ela ou ele. Naquele momento eu não queria rótulos de gênero.

Acho que nunca me senti tão esperançoso ao cortar o cabelo como naquele momento em que, fazendo aquilo, parecia com um processo metódico de uma criança de abrir um presente na manhã de Natal e encontrar o que havia pedido na carta para o papai Noel. Foi assim que me senti no momento em que pude me olhar no espelho novamente e ali eu encontrei a mim mesmo, o mais próximo de mim mesmo que eu já tinha visto em toda a minha vida.

ECHO



21

²¹ link para a vídeo performance

O processo de desenvolvimento dessa performance foi, de longe, o mais difícil.

Inicialmente as três performances do projeto seriam distintas em uma foto-performance, uma vídeo-performance e uma performance pública, onde essa seria a foto-performance.

Com o desenvolver do trabalho e a performance pública tornando-se uma vídeo performance, esta ficaria desajustada com as outras performances por isso acabou sendo repensada para vídeo. (figuras 31 - 34)



De início seria apenas o meu processo de inclusão do nome social em meus documentos.

Posteriormente passou para uma performance sobre a auto-identificação, sobre reconhecer-se e perceber-se a partir do nome e o entendimento de si “este som reflete quem sou, eu sou esse nome”

Quando pensei nessa segunda vez, eu partiria do processo de algo não só pessoal, mas como o nome identifica cada indivíduo. E assim eu utilizaria de fotos

de várias pessoas com seus RGs com o intuito de formalizar o reconhecimento de si a partir daquele nome. (figuras 35 - 37)



Enquanto juntava e processava a melhor forma de construir a narrativa do meu processo de mudança de nome como a ideia de que cada indivíduo é único e seu nome representa quem se é, um amigo meu levantou um ponto importante:

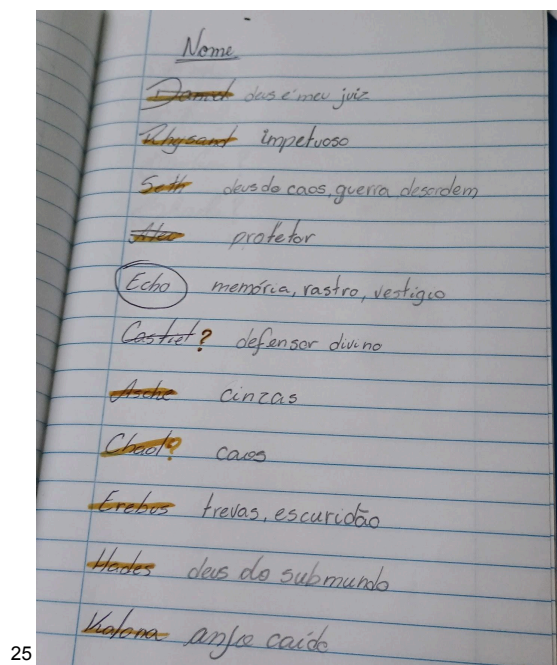
“O ato de mudar o seu nome para o nome que se identifica, não começa no processo de ir registrá-lo como seu novo nome, mas antes, no não identificar-se com o nome dado por seus pais e na busca por um nome com o qual você se identifica”

Com essa percepção mudei novamente a proposta da performance para como foi o meu processo de escolher o meu nome. (figura 38)

²² José Marcos - arcevo pessoal.

²³ Yasmin Enes - arcevo pessoal.

²⁴ Oliver Severiano - arcevo pessoal.



Fazer uma lista dos nomes que me interessavam. Sentir se eles se adequavam a mim (primeiro filtro), pesquisar seus significados (segundo filtro), repetí-los para mim como forma de compreender a sonoridade, como eu me sentia, como essa palavra, se ela me representava e me identificava. e com isso chegando a escolha do nome e depois partir para a parte de oficializá-lo como meu ao incluí-lo nos meus documentos.

Nesta vídeo performance, o áudio consiste em minha própria voz chamando meu nome, pois, no processo da escolha de um nome que me identificasse, enquanto eu lista a e pesquisava-os, testava e sentia tais palavras a mim, o nome Echo sempre ecoava em minha mente, chamando-me como se ele tivesse me escolhido e não o oposto.

Voltando o ritmo da performance para algo mais introspecto, sobre mim e meu processo, sobre como foi para mim esse processo e como eu o atravessei, tal como toda a produção do meu projeto tem sido.

Voltar essa performance para esse meu eu, artista introspecto, trouxe-me uma perspectiva sobre mim.

Sobre como eu trabalho meus processos de maneira mais silenciosa e interna. Onde a exteriorização é o ato de conclusão de todo o processo.

²⁵ lista de possíveis nomes para mim.

CARTA À MIM - MEU NOME

Echo Haira

Este é o meu nome.

Esta é a pessoa que sou.

Quando nascemos nossos pais são incumbidos da missão de nos dar algo pelo qual seremos reconhecidos por toda a nossa vida. Nosso nome.

Mas e quando essa escolha de nossos pais não se encaixa com quem somos?

Quando cabe a nós mesmos encontrar o nosso nome?

É difícil colocar em palavras a ideia de se nomear. Nos acostumamos com o fato de que nomes sempre partem dos outros. Seja nosso nome de registro, nosso apelido, como somos conhecidos...

Escolher o próprio nome, principalmente "depois de grande", quando pensamos no sentido, no que queremos transparecer e representar, em como aquilo vai nos significar...

É simplesmente assustador!

Eu me perguntei por muito tempo qual seria o meu nome.

Alguns de nós vão testando nome após nome que acham bonito até se identificar. Outros tem uma ideia tão certa de qual nome gostariam de ter, seja por influência dos pais ou de alguma outra coisa ou pessoa, que nem pensam antes de afirmar "Meu nome é Felipe."

O meu caso foi um pouco mais complicado e demorado. Sempre tive dificuldade de escolher nomes, foi assim para escolher o nome de minha filha, de meus pets, de personagens do meu livro. E foi assim para escolher meu nome também.

Pensei no que eu gostaria que significasse, em como eu me sentia e me entendia, no que eu era e transparecia. Pensei no nome que meus pais escolheram para mim e o sentido que eles queriam. E, por último, pensei "o que eu gostaria?"

Nosso nome é extensão de nós, nos determina, nos transmite e nos vibra. É a primeira palavra que nos reconhece e define. Eu precisava ter certeza que era isso que eu sentia e entendia.

Fiz uma lista com muitos nomes que eu gostava, achava bonito ou reconhecia algum sentimento.

Eu comecei a buscar, um a um, os significados, o que eles podiam retratar. O que eles diziam, o que eles traziam e se aquilo remetia a mim.

Com a lista reduzida àqueles que o significado me tomava por algo passei a experimentar. Eu os testava no espelho, repetia para mim, sentia seu peso em minha língua.

Pensei em nomes que dei para personagens, em nomes que pensei para filhos e até mesmo em nomes que quis colocar em meu cachorro.

Rhysand, Seth, Alec, Daniel, Asche, Hades, Dashiel, Erebus...

Nenhum deles me parecia eu, nenhum deles parecia meu.

Mas lá, em meio à lista, tinha um nome. Ele não era nem masculino nem feminino. Estava no meio. Um nome que trazia um significado que era exatamente como eu me via e sentia.

ECHO

Repetição de um som.

Que deixa marcas; rastro, vestígio.

Notícia que se espalha rapidamente; rumor

Grande estrondo, ruído; grito.

Reverberações do som.

O comprimento da onda que bate e volta em direção à sua origem sem ser ela de fato.

Resistência, memória e permanência de ser.

Eco tão distante, tão ausente em substância palpável. Mas ainda assim presente, ainda existe.

O Eco que “não se sabe se é amigo ou inimigo”, como Cecília Meireles definiu. O Eco foi a minha janela para conhecer Cecília Meireles e a porta de entrada para a poesia.

Eu sou o Echo. A Memória e permanência do eu. Eu sou o Echo que vibra, se espalha, repete e é insubstancial, mas ainda assim é vivo, permanece e resiste.

Com a escolha do nome, o passo seguinte era colocá-lo em prática. Me apresentar por quem sou, me mostrar como sou.

Passar a ser chamado pelo meu verdadeiro nome.

Testar com as pessoas, reagir ao seu som, reconhecer-se nele, ver sua incorporação tomar forma, ser eu.

Era o nome perfeito. Nele eu me sentia, eu me via, eu existia.

Este é meu nome!

Sendo este meu o reconhecimento sonoro do eu, bastava apenas confirmá-lo, oficializá-lo, documentá-lo.

Eu sou Echo Haira Serra Azevedo.

PINTURAS

As pinturas vieram como forma de complementar o sentido do meu processo. (figura 39)



Para entender o que as performances querem falar, precisa primeiro entender o que fez chegar a elas. Não sendo apenas uma performance, mas um todo de um processo de auto experiência.

A exposição das performances com as pinturas traz como resultado o autoconhecimento, a busca por si e a comunicação desse processo de ser.

O processo de definição das pinturas foi puramente conceitual.

A ideia partiu do conceito de utilizar meu próprio meio de comunicação, minha arte, para contar como foi o meu processo de me entender enquanto eu.

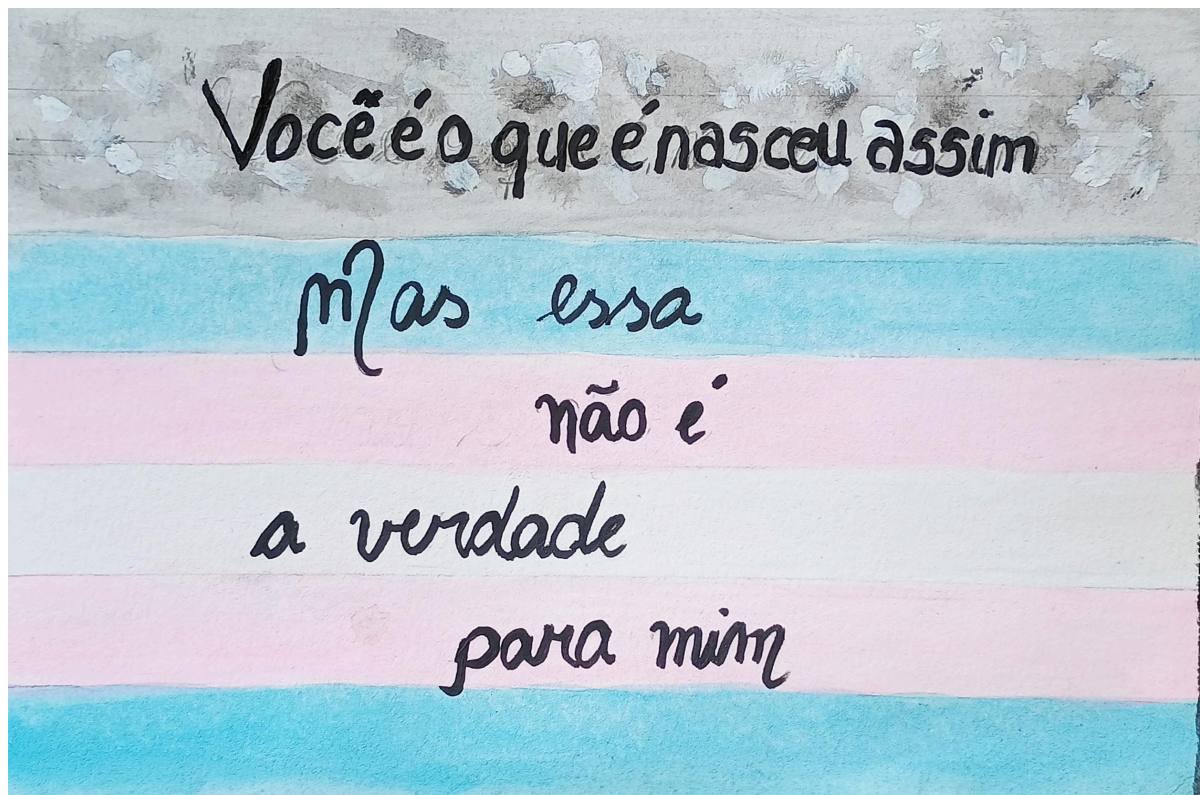
O conceito sendo:

Utilizando do Eu Pintor e do Eu Escritor, para gerar um Eu Performer. O Eu Artista, em toda a sua dramaticidade, discorre sobre Si e o processo de autodescoberta, autoentendimento, auto aceitação e auto definição.

Com o conceito determinado e as performances já contando um processo conclusivo. As pinturas vieram para elucidar a visão de como se chegou à conclusão do processo (expresso pelas performances). Trazendo o olhar para o intimismo da autodescoberta e percepção de si.

As pinturas foram produzidas utilizando, principalmente, técnicas de aquarela em papel.

(Figura 40)



“Você é o que é, nasceu assim. Mas essa não é verdade para mim”

Aquarela sobre papel

14,5 cm x 21 cm

Echo Haira 08/2024

A primeira, de uma exposição composta por 9 pinturas e 3 vídeo-performances, abre a exposição levando luz sobre a pergunta “Quem eu sou?”

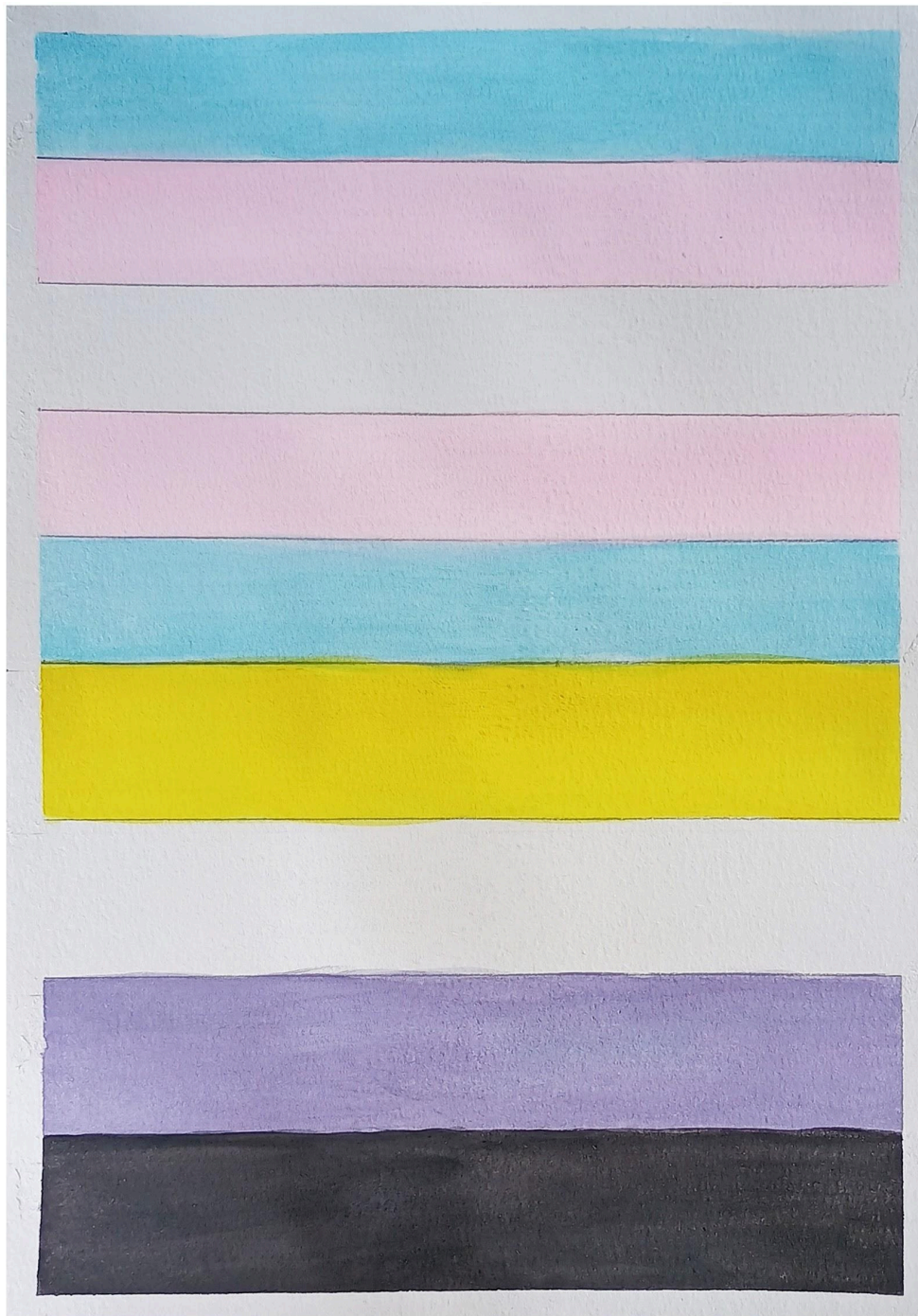
Com o intuito de levantar o questionamento acerca da identidade de gênero, o discurso primeiro inicia no ponto de partida desruptivo da cis-heteronormatividade.

O gênero não pode ser definido por uma parte do corpo, sendo que ele é determinado por padrões sociais e não biológicos.

Com essa visão, o argumento do que se é, só por nascer com uma característica determinada é anulado pelo ponto de que, se assim fosse, não precisaria de uma série lógica de normas e padrões que o definam. Se fosse exclusivamente biológico, então não teria como se “fugir ao padrão”, pois ele simplesmente cumpriria aquela função.

Dizer que alguém é o que é só pelas características com a qual essa pessoa nasceu, anula todo o desenvolvimento social.

(Figura 41)



“Levantar bandeiras”
Aquarela sobre papel
30 cm x 21 cm
Echo Haira 08/2024

Para falar sobre transgeneridade precisa-se entender o que é identidade de gênero. De certa forma, aqui oporo a expressão das pesquisas realizadas neste projeto (ver Introdução, página 6).

(Figura 42)



"Não-binário"
Aquarela em papel
30 cm x 21 cm
Echo Haira 09/2024

Essa pintura retrata o momento em que a chave virou e eu percebi que existia um termo que eu poderia usar para facilitar o entendimento do outro sobre mim.

Não-binário - era isso que eu era. Essa única palavra abarcava a ideia, o sentido de como eu conseguia me entender.

Aprender sobre foi como quando finalmente conseguimos nomear um personagem, uma palavra que definia um todo imenso.

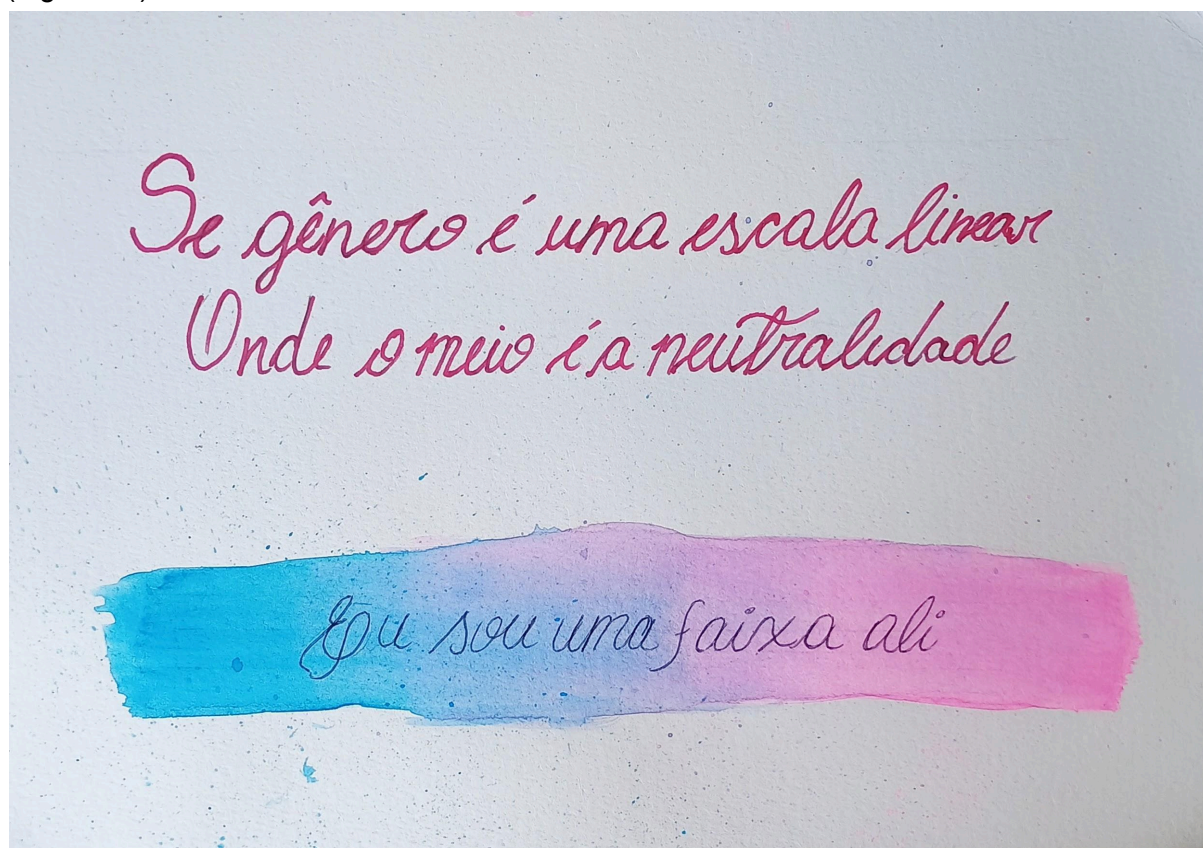
A libertação, como se o fato de não ter um título que elucidasse a ideia a fizesse perder sua força, sua substancialidade, tornando-se efêmera.

Mas agora a ideia deixa de ser apenas ideia e se torna concretude, tem substância, tem força, tem nome.

Quando percebi essa concretude, quando senti essa substancialidade, eu finalmente pude realizar esse sentido do ser.

Eu finalmente consegui me entender.

(Figura 43)



“Se gênero é uma escala linear onde o meio é a neutralidade... Eu sou uma faixa ali”

Aquarela em papel

21 cm x 30 cm

Echo Haira 08/2024

Muitas pessoas entendem o gênero como dois pólos opostos concretos.

Se eles são dois pólos opostos, o que é tudo entre eles? Como define essa linearidade de um ao outro?

Como pode não ter uma linearidade entre eles? Faz sentido simplesmente ter uma linha que os separa de maneira brusca?

Se sim, então como há coisas que já foram definidas como masculinas hoje é tido como femininas e coisas que eram femininas se tornaram masculinas?

E onde está a neutralidade? Porque nossa sociedade tem pontos que são neutros, mas como eles são definidos se não há uma escala do que é o quê?

Tem como uma ruptura ser neutralidade?

Mas se gênero é uma escala linear, onde a neutralidade está definida bem no meio dessa linha...

(Figura 44)



“O que expressa?”
Aquarela em papel
30 cm x 21 cm
Echo Haira 09/2024

O que define gênero? Como ele se expressa? Como conseguimos definir e determinar o que é e o que não é masculino ou feminino?

Quando se fala que algo é para homens ou para mulheres, em que contexto está sendo colocado? Em que tempo?

Afinal, quantos padrões, ações, acessórios, já foram determinados como de um gênero e depois de outro. Perucas, maquiagem, salto alto, as cores azul e rosa...

O que determina o que é perante a sociedade? E por que é fluido? Por que muda?

(Figura 45)



Sem Título
Aquarela em papel
21 cm x 30 cm
Echo Haira 08/2024

Identidade de Gênero.

Identidades...

Diversas, plurais em suas singularidades.

Quais são, quantas são, o que elas abarcam?

Não existe só azul ou rosa.

Às vezes pode ser azul e rosa e ainda assim não se misturarem, apenas lado a lado, juntos, se sobrepondo, no mesmo nível... Coexistindo. E ainda assim podem se misturar, perder saturação, até mesmo ser nem azul nem rosa, mas amarelo.

Plurais, diversas, cada um com sua singularidade, cada qual com seu sentido.

(Figura 46)



“Abstraia-se”

Aquarela em papel

14,2 cm x 21 cm

Echo Haira 09/2024

Como se desenha um sentimento? Como se pinta um conceito? Como se colocar em palavras o que sente de si?

A melhor forma de se compreender algo tão abstrato quanto o conceito de ser e sentir é abstrair-se. Romper os pensamentos engessados, atravessar os termos que delimitam conceitos em formas. O ser não pode ser delimitado por padrões. Não existem normas que determinem como entender a si mesmo.

Então porque nos forçamos aos padrões?

(Figura 47)



“Singularidades”

Aquarela em papel

30 cm x 21 cm

Echo Haira 09/2024

Cada indivíduo é único. Formado por seus saberes e conhecimentos, marcados por suas vivências, delimitados por suas crenças, definidos por suas morais e costumes. Mas que ainda assim busca o sentido de coletividade encaixando-se em termos de padronização de grupos sociais e identitários.

Não-binário é um termo que delimita um grupo de pessoas que se entendem enquanto parecidas entre tudo o que forma a ideia da própria identidade. Mas mesmo que o termo não-binário sirva para agrupar um grupo de maneira a definir um sentido plural, a não-binariedade é singular para cada indivíduo.

Como se sente, como se expressa, como se enxerga... Tudo isso irá depender de tantos outros fatores, que tornam cada indivíduo um ser singular.

A não-binariedade é plural para poder abarcar cada singularidade.

(Figura 48)



“Formas (Fôrmas/Fórmias)”

Pintura em papel

30 cm x 42 cm

Echo Haira 09/2024

Sinta! Pare para absorver o entendimento desse tema. Tire esse segundo para refletir sobre toda a informação adquirida, sobre todos os seus pré-conceitos, conceitos e preconceitos. Absorva...

As fôrmas que fazem as formas na tentativa desesperada de engessar padrões.

Seja por medo de mudar, ou por necessidade de controle

As pessoas são, ainda verdes, colocadas em fôrmas
Para que quando amadurecer não “percam” suas formas.
Mas, por mais que as fôrmas forneçam suas formas aos frutos
Como poderia prender ele, limitando-o a fôrma,
Sem conseguir se desenvolver da forma que deseja
Caber exatamente e sem falhas, dentro da fôrma?

IMPOSSÍVEL!

A forma como a fôrma tenta forçar
Para que um padrão possa imperar
Em uma fôrma que eu não quero me encaixar.
Parafraseando a Bea Duarte

“Por tantas vezes eu pedi pra ser normal
Mas isso seria tão banal”

INADMISSÍVEL!

No final, não há uma forma que possa delimitar
Aquilo que é o próprio ser.
Porque não tem como simplesmente ser
Sem nunca se reformar.

ANTICONCLUSÃO

Terminar? Concluir? Uma performance, uma criação, um corpo, um *EU*. Não se conclui, não se fecha e não se encerra. Talvez seja só mais uma reinterpretação, mais uma continuação, como o cabelo que se corta e cresce, o eu que se refaz e se reinventa no espaço da arte. Não existe fim, nem um fim para o fim. O que é ser trans? Ser arte? Ser corpo? O que foi iniciado aqui se dissolverá no próximo movimento. “Beber de si mesmo” e entender a subjetividade da singularidade não é tarefa para terminar, mas para continuar se descobrindo. O jogo da arte não se baseia na sequência final, mas do eterno contínuo processo. Inventar-se é estar sempre em movimento, em constante transformação, e o queer, tão bem defendido

por Preciado, é a marca da recusa da fixação. Então, não há conclusão, há sempre mais.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AZEVEDO, E. H. Eu sou Cinza, 2024. Acessível em: <https://youtu.be/lokSPHaumQ4>.

AZEVEDO, E. H. Me encontrei no espelho, 2024. Acessível em: <https://youtu.be/C9ofxjBj5kQ>.

AZEVEDO, E. H. Echo, 2024. Acessível em: <https://youtu.be/ml98TZXYmj4>.

BUTLER, J. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade, 2003.

PRECIADO, P. B. Manifesto Contrassexual: práticas subversivas da identidade sexual, 2015.

ESTÉS, C. P. Mulheres que correm com os lobos, 1994.

MEIRELES, C. Ou isto ou aquilo, 1964.

AUSTIN, J. L. Como fazer coisas com palavras, 1962.

PHELAN, P. Sem marcação: A política da performance, 1993.

Bogaert, A. F. (2003). Asexuality: Prevalence and associated factors in a national probability sample. *Journal of Sex Research*, 40(3), 298-305.

ROCHA, M. C & LOPONTE, L. G. Lorenza Böttner: a potência de um corpo que perturba, **ArteVersa**, 5 de Abril de 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/arteversa/lorenza-bottner-a-potencia-de-um-corpo-que-perturba/>
Acesso em: 09 de Agosto de 2023.

PRECIADO, Paul B. Réquiem por la norma . Artishock Revista, 27 dez. 2018. Disponível em: <https://artishockrevista.com/2018/12/27/retrospectiva-lorenza-bottner/> . Acesso em: 09 de Agosto de 2023.

LINS F., **Amparo 60**, Disponível em: <https://amparo60.com.br/artistas/fe-fa-lins/> e <https://www.premiopipa.com/fe-fa-lins/> Acesso em: 09 de Agosto de 2023.

AoruAura, Prêmio PIPA 2021, Disponível em: <https://www.premiopipa.com/aoruaura/> Acesso em: 09 de Agosto de 2023.

LOURO, G. L. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação, revista SciELO disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012> Acesso em: 20 de Dezembro de 2023

STABLES, D. para BBC Travel, O lugar do mundo que reconhece 5 gêneros. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-tra-56857729> Acesso em: 22 de Janeiro de 2024

PAULA, Z. C. para podcast Entre Amigues. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/1q2AOHAHevOfz2Pqq0lada?si=jq1cpWsMRamOd-Dnt_gX7Q Acesso em: 19 de Julho de 2024

WEBEDIA. Revolução capilar: o curto radical da década de 1920. L'Oréal Paris, 26 jan. 2021. Disponível em: <https://www.loreal-paris.com.br/revolucao-capilar-o-curto-radical-da-decada-de-1920> . Acesso em: 20 de Agosto de 2024.

KILLERMANN, S. It's Pronounced Metrosexual, The genderbread person v4, Disponível em: <https://www.itspronouncedmetrosexual.com/genderbread-person/> Acesso em: 01 de Outubro de 2024.